

Identidade e ensino da cultura afro-descendente em escolas públicas na Zona da Mata Mineira

Identity and afro-descendent culture teaching at Zona da Mata Mineira state schools

Milton Ramon Pires de Oliveira¹, Ângela Maria Garcia², Bruno Geraldo Alves³

Introdução

Após longo período de luta por direitos iguais e por reconhecimento e visibilidade da contribuição da população afro-descendente na construção da nação brasileira, foi sancionada uma lei que obriga o ensino da história da África e dos afro-descendentes nas escolas de ensino fundamental e médio (Lei no. 10.639/2003). Entretanto, quando realizamos qualquer trabalho junto às escolas, deparamo-nos com extrema carência, tanto de material didático como de experiência profissional para lidar com o tema.

Com a preocupação de mediar a construção de condições apropriadas ao cumprimento da lei junto a escolas da rede pública, na Zona da Mata de Minas Gerais, elaboramos um projeto de extensão que propiciasse a parceria escola/grupos de cultura popular afro-descendente.

O trabalho que dá origem a este texto está sendo construído a partir de demandas esboçadas com a execução do projeto “Identidades Festejadas no Congado: cultura e memória afro-descendentes frente às práticas pedagógicas das escolas públicas”, iniciado em 2007, com a participação dos autores e contando com o financiamento de uma bolsa de extensão (PIBEX/UFV/SESU/MEC). As ações têm sido articuladas enfocando uma das práticas culturais mais antigas da região da Mata Mineira – o Congado.

A forte presença de crianças nos grupos de congos investigados estimulou um dos objetivos do referido projeto: mediar o fortalecimento das relações entre a escola e grupos de cultura popular afro-descendente. Levando em consideração que dentro de um mesmo grupo há diversas infâncias que se entrecruzam (a dos mestres e velhos congos, a dos jovens e a infância atual), privilegiamos

Resumo

A partir do desenvolvimento de um projeto de extensão, discutimos a incorporação de elementos da cultura e identidade afro-descendentes, em especial dos congos, às práticas pedagógicas presentes no sistema público de educação. Para tanto, construímos uma metodologia diversificada: história oral com especial atenção às narrativas de história de vida; levantamento bibliográfico sobre Congado; implementação de oficinas temáticas (atividades lúdicas); e atividades culturais nas escolas com grupos de Congos. O projeto tem oportunizado o debate de temas como relações interétnicas, memória e cultura dos congos, proporcionando o preenchimento de algumas lacunas sobre a história da África, atingindo um dos nós na compreensão do processo de construção da identidade, da cultura e da memória dos afro-descendentes: o silêncio escolar.

Palavras-chaves: cultura popular; congado; práticas pedagógicas

Área temática: Cultura

Linha da extensão: Patrimônio cultural, histórico, natural e imaterial

¹ Doutor em Educação, professor associado na Universidade Federal de Viçosa, Núcleo de Políticas Públicas, mramon@ufv.br.

² Doutora em Antropologia, professora do Colégio Universitário e pesquisadora no Núcleo de Políticas Públicas da Universidade Federal de Viçosa, angela.garcia@ufv.br.

³ Graduando em História, bolsista FAPEMIG no Núcleo de Políticas Públicas da Universidade Federal de Viçosa, bruno.alves@ufv.br.

técnicas de história oral de vida para a coleta de depoimentos dos componentes de grupos de congos na região, tomando como referência a memória construída entre os mais velhos.

A partir dos dados coletados, busca-se analisar a formação ou a aprendizagem do “ser congo” durante a infância. Além disso, a observação de relações interétnicas no cotidiano escolar demonstrou a necessidade de estender a pesquisa às relações que se estabelecem no interior da escola, mas que a extrapolam. Entendemos que trabalhar cultura popular na vertente de afro-descendentes remete a este delicado recorte, especialmente se os ascendentes dos membros do grupo ocuparam, no contexto, a posição social de escravos.

As práticas culturais constituídas em torno dos grupos de Congos têm como referência de devoção Nossa Senhora do Rosário, um dos símbolos da mediação entre os negros escravos e o Deus cristão, cuja homenagem festiva é marcada pela dança, pelo canto, por rituais de coroação, missa, procissão, consumo compartilhado de alimentos, entre outros elementos culturais incorporados e que remontam à ancestralidade africana dos participantes. Festejam-se a memória e o pertencimento a um coletivo, elementos fundamentais nas identidades e manifestações culturais afro-descendentes.

Entre os integrantes dos grupos de congos privilegiados nessa pesquisa, surgem versões que conjugam símbolos e significados designadores da posição social dos negros na sociedade escravista colonial, quiçá na sociedade brasileira contemporânea. Embora ocorram variações nas narrativas, em resumo, a versão, que na voz dos entrevistados aparece como um mito fundador da festa, conta que uma imagem de Nossa Senhora teria surgido em uma gruta (ou numa pedra) na mata e muitos brancos teriam, em vão, tentado levá-la para a igreja. Então, por intermédio de algumas pessoas de destaque e reconhecida liderança entre os negros, esses se reuniram, enfeitaram-se, pegaram seus instrumentos musicais e dirigiram-se ao local. Em frente à imagem, eles tocaram, dançaram e cantaram suas dores e alegrias. A imagem da Santa, sensibilizada com a manifestação dos trabalhadores, movimentou-se como numa dança. Os negros a tomaram nos braços e somente eles, de raiz Congo (ou Moçambique, conforme a região e/ou narrador), conseguiram conduzir a imagem até a igreja, onde ela permaneceu. Versões

como esta aparecem em estudos como o de Borges¹ e Couto².

A partir das vivências em ensaios e nas festas, percebemos a inexistência de registros, em especial materiais escritos sobre um dos grupos, que completou 120 anos, significativamente, em maio de 2008.

Metodologia

O desenvolvimento do projeto tem sido viabilizado pela construção de uma metodologia diversificada. Para tanto, são realizadas: a) entrevistas (história oral com especial atenção às narrativas de história de vida) com componentes dos grupos locais de Congo, nos municípios de Canaã, Paula Cândido, São Geraldo, Senador Firmino e São Miguel do Anta, para a construção de dados que conferem sentido às versões anteriormente apresentadas como a origem do Congado; b) levantamento bibliográfico sobre a manifestação cultural designada como Congado, sua relação com os indivíduos identificados como afro-descendentes e sua incorporação à cultura brasileira; c) implementação de oficinas temáticas, centradas em atividades lúdicas, voltadas para alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental; e d) realização de atividades culturais junto a unidades públicas de educação com a participação de integrantes do grupo ou grupos de Congos na localidade.

Na vertente de depoimentos dos membros mais velhos nos grupos de congos, buscamos analisar a formação e a aprendizagem do ser congo durante a infância. A partir dessa fonte privilegiada, as informações sobre o congado são coletadas e torna-se possível compreender como se deu o processo de incorporação dos mesmos nos grupos, bem como os significados atribuídos à criança no congado: como elas foram e são socializadas no pertencimento a esse coletivo, que posições ocuparam/ocupam na hierarquia dos grupos e qual a sua contribuição para esta atividade cultural.

Esta estratégia de produção de dados, valorizada pela historiografia, abre a possibilidade de analisar o fato histórico a partir de novos olhares e de novas fontes. Segundo Gonçalves e Lisboa³, a “história oral utiliza diferentes técnicas de entrevista para dar voz a sujeitos invisíveis e [...] constrói e preserva a memória coletiva”.

Durante as entrevistas, vemos o quanto os olhos dos velhos congos brilham quando falam da paixão pelo grupo, das atividades sociais por eles desenvolvidas, da devoção a Nossa Senhora do Rosário e, também, daqueles que faleceram. Estes últimos são apresentados como companheiros de festejos e de fé, mas, principalmente, como seus mestres, aqueles que lhes transmitiram não somente os ensinamentos das práticas de devoção à Santa (toques dos tambores, cantos, danças, rituais) como o sentido e sentimento de pertencer a um coletivo e compartilhar uma história comum.

Com o acervo de dados assim elaborados, por meio da contação de histórias e de oficinas lúdicas, buscamos destacar elementos que enfoquem a cultura e a identidade construída e atribuída aos afro-descendentes no Brasil. Como estratégia mediadora, priorizamos histórias infantis cujas temáticas possam propiciar condições para que as crianças expressem, de diversas formas, representações incorporadas sobre relações interétnicas.

A partir de uma abordagem metodológica que conjuga a prática de contar histórias e a observação direta do cotidiano nas unidades públicas de educação, privilegiamos alunos na faixa etária de 3 a 8 anos. Durante o ato de contar histórias para essas crianças, focalizamos as relações interétnicas por meio de indagações levantadas pelos personagens da história ora em pauta. Buscamos, então, provocar as crianças para que opinem e/ou relacionem as situações vividas pelas personagens com a sua própria vida ou realidade observada. As falas das crianças expressam as concepções de senso comum, muitas vezes desqualificadoras das práticas associadas às expressões da cultura popular. O que fica patenteado, em situações como esta, é a não abordagem desse tema pela escola, a sua não incorporação às práticas pedagógicas cotidianas. Nesse sentido, percebemos, antes, uma ação anti-educativa: o silenciamento. Não somente quanto ao tema, mas principalmente quanto a preconceitos em relação à população negra (o silêncio escolar quanto ao tema do racismo foi tema enfatado por Pinto⁴, também vinculada ao Núcleo de Políticas Públicas da UFV).

Os preconceitos fluem de todos os lados perante nossos olhos e muitas das vezes até ajudamos a reproduzi-los ao nos calarmos. Cavalleiro⁵ ressalta que: “[...] o racismo é um problema que está presente no cotidiano escolar, que fere e mar-

ca profundamente crianças e adolescentes negros. Mas para percebê-lo, há a necessidade de um olhar crítico do próprio aluno”; para tanto, é preciso que a escola, os professores tornem propício o debate sobre o tema.

A atuação dos profissionais de educação é apontada como de extrema importância nas situações mencionadas. Estes, muitas vezes, são apontados como os principais reprodutores da discriminação e do racismo no espaço escolar⁶. Delineia-se então um desafio para a equipe deste projeto: o de promover intervenções que, diretamente, insiram os profissionais da educação, articulando-os ao que estamos desenvolvendo com os alunos.

Com tal preocupação, as observações realizadas em situações diversas no universo escolar possibilitam a percepção de uma não visibilidade no que concerne a questões referentes a relações étnicas, tanto por parte dos pesquisados como na literatura consultada. Tal percepção levou-nos a considerar também a observação direta como abordagem metodológica.

Este recurso metodológico possibilita entender como preconceitos velados têm subsidiado práticas e discursos sob a égide de um importante instrumento de trabalho para o professor. Há um acordo geral de que, no bom exercício de sua profissão, a equipe pedagógica da escola, especialmente o professor, deve buscar conhecimento sobre seus alunos, bem como sobre as necessidades que apresentam e as relações estabelecidas no seu cotidiano, atendendo, dessa forma, a uma das recomendações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

Observamos que, infelizmente, a colocação em prática dessa orientação tem produzido menos equidade nas relações escolares que rotulação dos alunos, principalmente aqueles qualificados como afro-descendentes. Esta situação interfere na participação das crianças em atividades coletivas relacionadas a tal identidade.

Resultados

Como objetivo comum, temos a análise, elaboração e implementação de propostas voltadas para a incorporação de elementos da cultura e identidade afro-descendentes, em especial dos congos, às práticas pedagógicas que são desenvolvidas junto ao sistema público de educação. Espe-

cificamente, objetivamos subsidiar a proposição e o desenvolvimento de intervenções direcionadas para a incorporação desses elementos ao cotidiano das unidades de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

Ao enfocarmos as práticas do universo cultural dito popular, entendemos ser esta uma perspectiva pertinente para conhecer os significados que os grupos sociais atribuem à realidade e aos elementos incorporados ao processo de reconstrução das suas identidades. Tal conhecimento é fundamental para subsidiar as propostas de ações que incidam sobre situações das quais tais grupos participam e/ou demandem adesão a esses mesmos grupos.

Como projeto de extensão, o foco tem sido a proposição, elaboração e desenvolvimento de oficinas lúdicas para alunos de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas situadas na microrregião de Viçosa. As atividades são desenvolvidas nas instalações das unidades escolares e na sede da Ludoteca da Universidade Federal de Viçosa.

Uma equipe de estagiários vai até as escolas ou recebe grupos de alunos, desenvolvendo com eles diversas atividades lúdicas, parte delas voltada para o tema das relações étnicas. No caso das unidades escolares situadas em localidades onde são registradas as práticas culturais em torno do Congado, deliberadamente há a ampliação da oferta de oficinas temáticas, nas quais os participantes desses grupos e de práticas definidoras da identidade de congos são incorporados às atividades propostas e desenvolvidas na escola.

Discussão

A microrregião de Viçosa, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, é palco de concorridas festividades cuja maior expressão está nas atividades em torno do congado e nas homenagens a Nossa Senhora do Rosário, que ocorrem durante todo o mês de outubro. Os grupos de congos, personagens centrais dos festejos, têm perfis e trajetórias diferenciadas: alguns com existência desde longos anos, outros recentemente fundados ou recriados em função de um grande investimento social e governamental na valorização da cultura popular. A recriação de grupos compreende não somente a reativação das atividades ritualizadas

e festivas, mas também a incorporação de outros elementos adequados ao novo contexto. Se, tradicionalmente, como reivindicam os mais velhos, somente os homens dançavam, é possível, atualmente, demarcar a presença de homens e mulheres, de crianças, adolescentes e idosos (na maioria trabalhadores e pequenos produtores rurais).

As atividades festivas ocorrem em pequenos núcleos urbanizados, localizados em áreas rurais. Estas são ocasiões nas quais os povoados ou comunidades recebem grande número de visitantes, de parentes residentes em outras localidades e moradores dos arredores, sendo, portanto, situações propícias à promoção do sentido de pertencimento a uma coletividade, na medida em que facilitam a integração de todos.⁷

Nessas ocasiões, frequentemente as unidades escolares, geralmente centrais nos povoados, são incorporadas como espaços que abrigam partes dos festejos ou nos quais são realizadas atividades que dão suporte aos eventos: a festa está na escola. No entanto, não se observava a incorporação efetiva dos elementos culturais que sustentam o Congado às práticas pedagógicas escolares realizadas cotidianamente. A despeito da mobilização produzida para o evento, da participação dos alunos, de seus familiares, dos funcionários e professores (em menor escala) nas atividades religiosas e como observadores na rua, temáticas afetas a essa manifestação cultural não apareciam como incorporadas ao cotidiano escolar.

A presença de crianças nos grupos de congos – durante as festividades, nos ensaios, no convívio com os mestres e componentes mais velhos – propicia que traços identitários, constituintes da cultura desses grupos, sejam vivenciados pelos mais jovens. Isto se apresenta como uma das estratégias fundamentais para a manutenção e reprodução social de grupos organizados em função da cultura popular. Assim, no âmbito dos projetos desenvolvidos por esta equipe, a escola é definida como um elemento cuja atuação pode contribuir significativamente na constituição da identidade de congo, da cultura e da memória dos afro-descendentes.

A relevância da intervenção ora relatada deve ser dimensionada na estreita relação entre cultura e educação e no objetivo de incorporar a temática deste projeto às práticas pedagógicas, indo assim de encontro ao silêncio presente.

Queremos, pois, contribuir para a intensificação desse diálogo nas escolas. Acreditamos que, tratando de grandes temas como cultura, identidade e diversidade étnica, o universo escolar apresenta-se como um lugar privilegiado e estratégico para a preservação da cultura local. Considerando que o reconhecimento da cultura popular poderia levar a uma maior participação das crianças nos grupos de congo e na vida da localidade na qual residem, é indispensável que o tema da cultura seja trabalhado nas instituições escolares, valorizando as manifestações locais inseridas no contexto mais geral.

A mesma lei que afirma a obrigatoriedade da frequência escolar reafirma os objetivos da República Brasileira de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Constituição de 1988). Entretanto, não é exatamente assim que ocorre com as crianças negras ao ingressar no universo escolar: “[...] a negação e a visão estereotipada dos negros são um dos mecanismos mais violentos vividos na escola e um dos fatores que mais concorrem para a eliminação da criança negra”.⁸

Diversos autores têm apontado a presença de práticas qualificadas como racistas no sistema educacional, em todos os níveis. Denunciam, ainda, o silenciamento como não menos grave.

A incorporação de aspectos afro-descendentes e da cultura popular local na rotina escolar tem o propósito de contribuir para a valorização de cada elemento no conjunto da cultura nacional, bem como para a promoção do fim ou, pelo menos, amenização de preconceitos velados.

Com preocupação semelhante, uma das metas das ações que desenvolvemos é elaborar e implementar práticas escolares subsidiadas pelas informações e pelos relatos dos velhos congos. A valorização da oralidade dos mais velhos, da trajetória de vida e da sabedoria de que são portadores, pode se configurar como um dos recursos locais na formação escolar. Esse saber popular não restritivo a uma festividade, mas a várias manifestações da cultura de um povo (alimentação, medicina popular, costumes), em definitivo, precisa estar nas escolas. Iniciamos tal etapa voltando-nos para os mestres do congo. Tendo acompanhado sua atuação nos ensaios, nos festejos, em situações do dia-a-dia no trato com os demais componentes dos

grupos, com seus familiares e vizinhos, passamos à escuta atenta, sistemática e registrada dos seus relatos.

Um dos entrevistados, mestre congo, aprendeu com seu pai e outros velhos congos o que sabe. E hoje se empenha para realizar um sonho, apresentado como de um de seus companheiros já falecido: transmitir às crianças os ensinamentos sobre o congado. Assim, quinzenalmente, em sua casa ou na de outros participantes, ensina às crianças embaixadas e cânticos, que os pequenos anotam em cadernos. Fala sobre as “responsabilidades do congo”. Ensina a tocar os instrumentos e os passos da dança praticada nas apresentações públicas e rituais de devoção que realizam durante a festa dedicada a Nossa Senhora do Rosário, quando também são reverenciados São Benedito e Santa Efigênia.

Cabe destacar a reciprocidade que congrega os velhos congos: eles participam dos festejos em vários locais, cantando e dançando com outros grupos e recepcionando os mesmos quando lideram as comemorações em suas localidades. Outro entrevistado (de 80 anos) está empenhado em reativar o grupo de congos em sua cidade. E após 10 anos sem atividades de devoção à Santa, os festejos a Nossa Senhora do Rosário foram retomados em novembro de 2007. Tal evento foi viabilizado pela participação do grupo de outro local, tanto na organização como nas apresentações ritualizadas.

Conclusão

A discussão de questões como as aqui levantadas apresenta-se como necessária à promoção da igualdade racial e do respeito às diferenças no âmbito das práticas pedagógicas voltadas à infância, posto que a escola pode ser considerada um dos espaços sociais de grande expressividade nas mudanças de posição que marcam as narrativas de trajetórias de sociais.⁹ Nelas, importantes interações entre sujeitos ocorrem. Assim, se as manifestações raciais prevalecem sobre a importância dos valores morais e dos interesses da coletividade, as práticas que deveriam contribuir para a formação de cidadãos comprometidos com o bem-estar social podem gerar consequências graves no caráter, tanto no presente quanto no futuro.

A implementação de oficinas lúdicas com os temas das relações étnicas, da memória e cultura

dos congos tem oportunizado o debate, proporcionando assim o preenchimento de algumas lacunas sobre a história da África e atingindo um dos nós na compreensão do processo de construção da identidade, da cultura e da memória dos afro-descendentes: o silêncio escolar.

Referências

1. BORGES, Célia Maia. **Escravos libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX.** Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. 252 p.
2. COUTO, Patrícia Brandão. **Festa do Rosário. Iconografia e poética de um rito.** Niterói: EDUFF, 2003. 268 p.
3. GONÇALVES, Rita Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, número especial, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=>. Acesso em: 12 jul 2008.
4. PINTO, Alessandra da Silva. **O silêncio não é a melhor resposta. Dimensões das relações raciais na formação da infância.** Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008. 65 p.
5. CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000, p. 34.
6. CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000. 112 p.
7. GARCIA, Ângela Maria. Devoções e celebrações. In: **Maneiras de beber: sociabilidades e alteridades.** Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Cap. III, p.97-118. 285 p.
8. SILVA JR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002, 96 p.
9. BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-192.

Abstract

Taking as a starting point the development of an extension project at Universidade Federal de Viçosa (MG), discussions about the inclusion of afro-descendant, mainly congo, culture and identity elements into the state education system pedagogic practices have emerged. For this purpose a diverse methodology was built: Oral History with special attention to narratives of real facts; bibliography research about congado; implementation of thematic workshops and cultural activities at schools with Congo Groups. This project has created the opportunity for debate about inter ethnic relations and congo's memory and culture, has also provided answers for some questions about African History. Finally, the project has highlighted one of the main issues in the process of building afro-descendants' identity, culture and memory: school silence.

Keywords: popular culture, congo, pedagogic practices